

A REJEIÇÃO À PASSAGEM DA TOCHA OLÍMPICA PELO BRASIL

Diego Marques Pereira dos Anjos

Graduado em História pela PUC-GO, Mestre em Ciências Sociais pela Unesp-Marília e Doutorando em Ciências Sociais/UNB (CEPPAC). Professor de História no Instituto Federal Goiano, Campus Morrinhos

Olimpíadas Rio 2016! Esse ano o Brasil encerra o ciclo de grandes eventos realizados em território nacional: em 2014 foi o fiasco da Copa do Mundo, em 2013 o descontentamento generalizado que explodiu em meio à Copa das Confederações, e dois anos antes, em 2011, foi realizado os Jogos Pan-Americanos no Rio de Janeiro, sob a imagem da corrupção, obras inacabadas e um gasto de dinheiro público sem tamanho, situação similar a todos esses grandes eventos. Orbitando a realização dos jogos olímpicos, um conjunto de problemas sociais, que aliás se agravam, pintam o quadro social da realidade nacional: explosão de violência, com cerca de 50 mil mortos por ano; desemprego crescente, corte de direitos sociais, precarização de políticas públicas, cortes orçamentários e reformas na legislação. Enfim, uma piora generalizada nas condições de vida que, por sua vez, significa mais favelas, mais desempregados, mais crimes e por consequência, o crescimento da vergonhosa violência policial, dentre uma diversidade de outras condições que resultam das tarefas realizadas para diminuir os custos da acumulação de capital sob as políticas neoliberais, o chamado regime de acumulação integral (VIANA, 2009). E os políticos e partidos políticos? O nível

generalizado de corrupção reforça o crescente sentimento de descrença com as instituições políticas brasileiras.

Nessa situação, eis que surge pelas ruas de diversas cidades brasileiras a Tocha Olímpica, sustentada pelos patrocinadores oficiais (Coca-Cola, Nissan e Bradesco)¹ que presenteiam aos mais elitizados consumidores com a glória de carregar a chama dos deuses gregos, embora, bem protegida por um grande aparato policial². Os meios de comunicação capitalista, a ladainha da história de vida do Barão de Coubertin se confunde com representações banalizadas sobre a história da Grécia Antiga. Evidentemente, a forma como os meios de comunicação buscam envolver a sociedade brasileira é através da comoção e do bombardeio de informações sobre os melhores atletas, os que mais conquistaram medalhas, as mais comoventes histórias de superação através do esporte, as fatalidades, os anti-heróis. Uma situação é criada, e esta tem como objetivo envolver o máximo possível de pessoas deste complexo país, que evidentemente não é para iniciantes, chamado Brasil.

Entretanto, o *tour* a tocha olímpica pelo Brasil encontrou alguns percalços e estes vieram de onde era mais previsível, das mãos dos setores descontentes, que atualmente cresce em diversas partes da sociedade brasileira. E como o descontentamento com as Olimpíadas se manifestou nas ruas do Brasil? Pela atitude mais simples de recusa: tentar apagar o fogo dos deuses olímpicos. As iniciativas foram todas condenadas ao fracasso, mas o mais importante que a concretização do ato é o

¹ O autor agradece às observações do parecerista anônimo que fez importantes observações. Entre elas destacamos a seguinte questão: os Jogos Olímpicos e a passagem da Tocha Olímpica são eventos diferentes, sendo que a caminhada envolve uma dinâmica não existente nos Jogos, que é a de exatamente aproximar com a população e para tanto também tem um custo econômico, sendo que tal custo envolve desde o valor pago pelas pessoas para carregarem a tocha, até a produção da tocha que é feita por uma empresa suíça (Recam Laser S. L), além de que o *tour* da tocha tem patrocinadores próprios, além das empresas que patrocinam os Jogos Olímpicos. No sentido de aproximar a população do megaevento esportivo, a passagem da tocha serve como instrumento de propaganda e convencimento axiológico, generalização de valores burgueses e assim atingir uma maior parcela da população.

² A ironia da história é como se fosse a realização da música do Facção Central, só que aqui são os espíritos dos deuses gregos que precisam de proteção, e os anjos armados fazem parte do bem treinado efetivo da Força Nacional.

significado de sua existência que deixa muito claro que uma parte da sociedade brasileira está tão descontente com os jogos olímpicos que mesmo que individualmente procura demonstrar a sua oposição.

Se relembremos as notícias que circularam relacionadas à Tocha Olímpica e se fizermos uma rápida pesquisa pela internet, compreendemos que este fenômeno não se reduziu a atos isolados e de descontentamento individual, restrito a poucas pessoas e localidades específicas. No último mês de percurso, diversas cidades registraram ocorrências de baldes d'água sendo lançados pelos ares, esguichadas de mangueiras e jatos de extintor de incêndio. Desde Maracaju, no estado do Mato Grosso, a cidades como Joinville (SC), Porto Alegre (RS), Cascavel (PR), dentre diversas outras, registraram tentativas de indivíduos, anônimos, ao que indica todos eles sem vinculação política direta (com movimentos sociais, partidos, sindicatos), que objetivaram apagar a tocha. Todas as tentativas foram sem sucesso, do ponto de vista do objetivo, e seus autores foram denunciados por diferentes tipos de crime, tento em vista o caráter inédito do novo crime (e que obviamente não tinha uma prescrição penal), sendo que alguns foram indiciados por tentativa de dano ao patrimônio cultural, outros por dano ao patrimônio público, teve ainda aqueles que foram indiciados por desacato a autoridade, ou qualquer outro instrumento penal amplo o suficiente que permita que um pichador seja enquadrado pelo mesmo crime que os gestores da Samarco deveriam ter sido enquadrados. Assim, mais uma vez, as forças policiais e o judiciário brasileiro deixaram claro a quem serve os interesses por detrás da legislação penal.

Além das manifestações individuais e espontâneas, ações coletivas e organizadas criaram obstáculos para o percurso da tocha olímpica no Brasil. Neste caso, foi no estado mais saqueado para que as Olimpíadas ocorressem, o Rio de Janeiro. Para que a tocha Olímpica iluminasse a cerimônia de abertura dos jogos foi necessário que milhares de servidores ficassem sem receber seus salários por meses (situação em que ainda se encontram alguns profissionais), trabalhadores terceirizados foram demitidos,

verbas da saúde foram remanejadas para atender necessidades do evento e uma infinidade de irregularidades que tornam hoje o Rio de Janeiro uma cidade ainda mais caótica para se viver, o que torna os cariocas mais fortes que Hércules quando este realizou seus doze trabalhos na Grécia Antiga.

Quando da chegada da tocha olímpica nas regiões de São Gonçalo e Niterói esta foi recepcionada por diversos servidores em greve e por populares simpatizantes³; ocorreram diversos conflitos e o revezamento da tocha foi impedido de continuar em Alcântara, situação que forçou o refúgio da tocha no Batalhão da PM e a prisão de vários manifestantes após conflitos que se espalharam por diversos pontos do bairro de Alcântara. Seguiram-se protestos violentos em Angra dos Reis e Belford Roxo. E em Nova Iguaçu um conflito generalizado aconteceu na praia do Anil, inviabilizando o percurso, revezamento e até mesmo o evento musical para celebrar a caminhada da tocha teve de ser cancelado sob a alegação de “falta de segurança”. O que seria falta de segurança numa cidade como o Rio de Janeiro?.

A passagem da tocha olímpica por diversas cidades brasileiras revelou parte da convulsão política que o país vive no momento atual. Inclusive, nos últimos momentos, aquela turma que é viúva dos governos petistas decidiu-se também por denunciar o caos social do país sob as Olimpíadas, tentando assim fazer esquecer que o ciclo de grandes eventos das multinacionais do esporte foi iniciado no Brasil sob o governo que a pouco foi retirado do poder por outras frações da elite política nacional.

As manifestações espontâneas demonstraram que existem sim setores da sociedade brasileira dispostos a fazerem algo, mesmo que no âmbito individual; por outro lado, as manifestações de servidores públicos e de populares simpatizantes apontam a tendência de intensificar as lutas por reivindicação de necessidades fundamentais e por políticas públicas. Contudo, a espontaneidade das lutas sociais tem

³ <http://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2016-08-02/passagem-da-tocha-olimpica-gera-protestos-em-sao-goncalo-e-niteroi.html>

Revista Posição

sua eficácia tal como os atos isolados de tentativa de apagar a tocha: tendem ao fracasso, se não tiverem organização, trabalho coletivo, estabelecimento de objetivos e projeto. A força incontrolável das ações espontâneas só perde mesmo pela falta de organização, elemento este fundamental para as lutas sociais que despontam no Brasil de início de século XXI.

As ações espontâneas e sem vínculos contra a passagem da Tocha Olímpica são expressões da desestabilização que atualmente passa o regime de acumulação integral, indicando, assim, que todas as tentativas de ampliar o ciclo de acumulação do capital (neste caso, via a realização de megaeventos esportivos) encontram cada vez menor espaço de atuação, e é da direção da movimentação dos grupos explorados e oprimidos que surge a maior rejeição ao capitalismo contemporâneo. Afirmar a crise do neoliberalismo ainda é prematuro, no caso brasileiro os governos petistas foram uma segunda forma, alternativa à forma peessedebista, de se consolidar o neoliberalismo, portanto, de estruturar o regime de acumulação integral no Brasil. Os arquitetos deste projeto não têm uma política clara, aplicam as medidas ao gosto da burguesia subordinada que existe no Brasil; mas por outro lado, percebe-se um claro movimento de ampliação e desenvolvimento das lutas dos grupos oprimidos e explorados (trabalhadores, estudantes, sem-teto, sem-terra, funcionários públicos, jovens), surgindo a necessidade de lutas mais estruturadas, tanto no nível da consciência, quanto da auto-organização, movimento este que emerge no horizonte dos próximos anos.

Referências

VIANA, Nildo. *O capitalismo na Era da Acumulação Integral*. São Paulo: Ideias e Letras, 2009.